O RETRATO DESCRITIVO DA DONA E OS LUGARES-COMUNS DO BELO

José Fernando Sales Gonçalves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1076-590X
Endereço eletrônico: fernandosalesxv@gmail.com

Palavras-chave: Retrato Poético; Lugar-Comum; Poesia Seiscentista; Fênix Renascida.

INTRODUÇÃO

O Trabalho Apresentado Busca demonstrar que os retratos descritivos de pessoa contidos na coletânea de poesia seiscentista intitulada *A Fênix Renascida ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses* são construídos a partir de tópicas tradicionais recorrentes no gênero *epidíctico*, que, com o objetivo de louvar, fornecia ao poeta uma ampla gama de lugares-comuns destinados ao elogio da dona. Nesse sentido, o presente estudo objetiva apontar como tais tópicas são recorrentes nos poemas da coletânea por meio da prática da *imitatio*, compreendida, conforme Hansen (2002), como uma operação compositiva que, ao retomar modelos autorizados pela tradição, produz semelhanças e diferenças por meio de sua combinação e reelaboração. Assim, os poetas emulam autoridades antigas e modernas, apropriando-se de modelos consagrados para produzir novos poemas, no intuito de representar o padrão de beleza feminina na Península Ibérica do século XVII.

Nesse contexto, a presente investigação justifica-se pela necessidade de compreender o retrato poético seiscentista para além de categorias historiográficas rígidas, frequentemente limitadas a classificações generalizantes como “clássico”, “renascentista”, “maneirista” ou “barroco”. Em diálogo com estudos acerca da retórica, da poética da imitação e das práticas letradas do período, busca-se compreender o retrato como uma prática social e artística de longa duração, apropriada de diferentes maneiras por autores situados em distintos tempos

históricos, os quais produziam suas artes e estilos a partir de temporalidades artísticas simultaneamente coexistentes.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, procurou-se analisar os retratos descritivos da dona presentes na *Fênix Renascida*, considerando os lugares-comuns mobilizados na representação feminina. Para tanto, foram examinadas ocorrências da poesia latina, das poéticas medievais, da tradição petrarquista e da poesia quinhentista, buscando identificar a permanência e a transformação de imagens, metáforas e procedimentos descritivos nos retratos da coletânea seiscentista. Também se considerou o retrato como procedimento retórico-poético vinculado ao gênero *epidíctico*, cuja função inclui o louvor de uma pessoa digna de elogio (Lausberg, 2004, p. 84). Nesse percurso, os lugares-comuns foram compreendidos, segundo a tradição das retóricas clássicas, como repertórios compartilhados de argumentos e formas de representação (Lausberg, 2004, p. 91), passíveis de variação e reelaboração na composição poética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O retrato poético produzido na Península Ibérica do século XVII pode ser compreendido como "poesia de lugares", pois, enquanto procedimento descritivo de personagens ou quadros, atualiza, pela imitação das autoridades, os lugares-comuns da arte de elogiar. Nesse sentido, sua composição implica retomar pela memória os elencos de lugares e conhecer os princípios retórico-poéticos necessários à emulação das autoridades. Esses lugares adequados ao louvor possuem longa tradição, como demonstra Villalobos (2013) ao sublinhar que já na poesia latina de autores como Tibulo, Propércio e Ovídio encontram-se elementos recorrentes na representação feminina, como os cabelos dourados, a pele alva, os olhos brilhantes, os lábios rubros e a associação da dona às divindades, tornando-a divinamente bela. Retomadas e difundidas ao longo da Idade Média e do Renascimento, tais tópicas consolidaram um repertório transmitido pela tradição e disponível à composição dos retratos poéticos europeus.

Entre os séculos XII e XIV, a tradição clássica do retrato poético foi reelaborada pelas poéticas medievais, como as de Mathieu de Vendôme e Geoffroi de Vinsauf, que

sistematizaram princípios para a descrição da beleza feminina a partir da herança greco-latina (Sorolla, 2005). A tradição descritiva também sofreu forte influência do fazer artístico de Francesco Petrarca, que, por meio da imitação das autoridades poéticas, retoma os lugares-comuns consagrados ao elogio da dona e, simultaneamente, reelabora sua forma de organização. Seguindo a técnica descendente de descrição, Petrarca consolida o soneto como forma canônica do retrato petrarquista e promove uma redução do campo descritivo, concentrando a representação sobretudo nas partes do rosto, como os cabelos, os olhos, a fronte, as bochechas e a boca. No século XV, segundo Teresa Irastortza (1986/1987), a representação da dona passa a enfatizar não apenas a beleza física, mas também as virtudes morais e a distinção social. Para isso, os poetas recorrem a metáforas elevadas, associando a mulher a astros, personagens mitológicas, pedras preciosas e elementos do mundo vegetal, como rubis, cristais, rosas e jasmins, que funcionam como signos de pureza, nobreza e perfeição.

No século XVI, os lugares-comuns do elogio e a tradição de descrição da dona são retomados na obra de grandes poetas que, imitando as autoridades antigas, se tornam modelo a ser seguido nos séculos posteriores, como Ludovico Ariosto, Luís de Camões, Francisco Sá de Miranda, entre outros. Em língua portuguesa, vale a pena apontar alguns aspectos da obra de Camões, que ao retratar a dona em seus poemas aplica metáforas que recorrem aos lugares-comuns do elogio, construindo analogias entre as partes do corpo e elementos da natureza. Nesse sentido, quando fala dos cabelos, apresenta-os tendo como predicado de beleza a cor dourada; na descrição do rosto, o poeta pinta a dona com as cores da Primavera, ratificando a tópica comum da poesia descritiva do rosto em flores; quando descreve a região dos olhos, as sobrancelhas são semelhantes a arcos que servem de suporte para o Cupido lançar suas flechas de amor; o olho é metaforicamente comparado ao sol, pois por causa da beleza e claridade compete com o astro rei; na parte da boca, os adjetivos que realçam a beleza são a vermelhidão e a brevidade, bem como os dentes brancos que nela há; quando descreve as mãos, o poeta recorre ao predicado de beleza que as qualificam, isto é, a cor branca. Desse modo, a poesia quinhentista não apenas conserva os lugares-comuns da tradição, mas constitui uma etapa importante de sua transmissão e reelaboração, fornecendo modelos que serão novamente apropriados pelos poetas seiscentistas.

Nos séculos XVI e XVII, o ornato poético da beleza feminina é construído conforme a

tradição de representação da mulher, como é possível constatar nos poemas do gênero retrato dispersos na compilação de poesia seiscentista *A Fênix Renascida*. Nela, os poetas imitam as tópicas antigas de elogio a dona, aplicando-as nos mais diversos gêneros poéticos. Nos poemas, a dona é exemplo de virtude e pureza, ser quase inalcançável pelo intelecto humano, por isso a sua beleza é amplificada através de metáforas agudas que criam imagens de virtude e beleza das partes do corpo, por exemplo: o cabelo é comparado ao ouro: "Seu rico cabelo/Do mais precioso/Mil troféus alcança,/e logra mil louros" (Bahia, 1746, p. 125); os olhos são astros reluzentes: "E são taes dos teus olhos/Os resplandores,/Que o Sol deixão de dia/As boas noites" (Bahia, 1746, p. 116); a boca é rubi ou cravo: "Por ter boca de cravo/He tão soberba,/Que he boca de Lysis/Huma rochella" (Bahia, 1746, p. 139); a garganta é cristal, prata ou neve, ressaltando a brancura: "A garganta, onde a neve/Faz perpetua sentinella,/He condeça de Atalaya/Onde sempre amor peleja" (Bahia, 1746, p. 416); as mãos brancas são prata: "Suas mãos são tão alvas,/Que a prata dellas,/Inda quando vazias/Anda ás mãos cheas" (Bahia, 1746, p. 117); os pés são descritos sempre sublinhando a pequenez: "Saõ seus pés taõ breves,/Que estes versos toscos/Com ser taõ pequenos/Lhe ficaõ muy longos" (BAHIA, 1746, p. 127). Enfim, por meio da imitação das tópicas tradicionais do elogio à dona, os poetas da *Fênix Renascida* não apenas retomam os lugares-comuns da beleza feminina, mas os reorganizam na descrição minuciosa das partes do corpo. Essa organização segue um percurso axial, que parte da cabeça e avança gradativamente em direção aos pés, articulando cabelos, olhos, boca, garganta, mãos e demais atributos corporais. Assim, embora as imagens mobilizadas pertençam a um repertório tradicional de metáforas associadas a pedras preciosas e elementos da natureza, sua disposição no retrato produz um novo modelo de descrição, no qual a aplicação sucessiva dos lugares-comuns intensifica a representação da preciosidade, da perfeição e da elevação da dona.

CONCLUSÕES

Em face das considerações apresentadas, é possível inferir que os retratos presentes na *Fênix Renascida* constituem uma prática poética fundada nos lugares-comuns do elogio e na atualização de uma longa tradição descritiva. Os poetas retomam tópicas e procedimentos vinculados às autoridades antigas e aos preceitos retórico-poéticos, mas sua composição não se reduz à repetição dos modelos. Pela prática da *imitatio*, os lugares-comuns são

combinados, intensificados e reorganizados segundo as possibilidades expressivas dos poemas seiscentistas, produzindo novas configurações da representação da dona. Desse modo, as metáforas, comparações e demais ornatos empregados na representação da beleza feminina não surgem como criações isoladas do engenho individual, mas como resultado da apropriação e reelaboração de modelos autorizados pela tradição poética. Nesse sentido, os lugares-comuns correspondem ao repertório de imagens, tópicas e procedimentos preservados e transmitidos pela tradição, que, ao mesmo tempo em que assegura a permanência dos princípios retórico-poéticos do elogio da dona, oferece matéria para sua contínua reelaboração.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Jeronymo. In: SYLVA, Mathias Pereira. **A Fênix Renascida ou Obras Poeticas dos melhores Engenhos Portuguezes**. Segunda vez impresso e acrescentado por Mathias Pereira da Sylva. Lisboa: Antônio Pedrozo Galram, 1746.

IRASTORTZA, Teresa. **La caracterización de la mujer a través de su descripción física en cuatro cancioneros del siglo XV**. Anales de literatura española, nº 5 (1986-1987), p. 189-218.

HANSEN, João Adolfo. **Introdução**. In: Poesia seiscentista – Fênix renascida & Postilhão de Apolo. [Org.] Alcir Pécora. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2002.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SOROLLA, Maria Pilar Manero. **Los cánones del retrato femino en el Canzioniere. Difusión y recreación en la lírica española del Renacimiento**. Cuadernos de Filología Italiana, 2005.

VILLALOBOS, José Tomás Saracho. **La descriptio puellae y el retrato poético, génesis y análisis de la obra de Catalina Clara Ramírez de Guzmán**. Revista de Estudios Extremeños, Tomo LXIX, Número III, 2013, p. 1.503-1.546.